

QUINTA-FEIRA
Lisboa--8 de Setembro-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissao de Censura

68

sempre

five semanario humoristico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



1008E
BARRA 1927

— Não viste passar all tua mulher?!
— Não... la preocupado com essa coisa do desarmamento...

five
semanario



Os ditos da semana



A enxertia das glandulas de macaco, com tanta proficiencia levada a cabo pelo dr. Alberto Madureira, não pode ficar sem especial referencia no *Sempre Fixe*.

A sciencia lá sabe o que faz, mas o *Sempre Fixe* tambem sabe alguma coisa, principalmente de medicina. Vamos, pois, ás nossas objecções. Tratando-se de uma criança imbecil, de uma criança cujas ideias, por definição, brillavam pela ausencia, não nos parece que o dr. Alberto Madureira andasse muito assiduosamente procedendo á exertia da glandula *tiroideia* do macaco, que, naturalmente, como a propria palavra indica, acabará por *lirar* á pobre criança alguma ideia que por acaso ainda tenha latente. O *Sempre Fixe* ter-lhe-hia feito a applicação da glandula *poi-aideia*, de uma eficacia muito mais garantida, assegurando assim uma cura infalivel.

Em todo o caso, avançou-se um grande passo na sciencia.

A morte do filantropico macaco consternou muita gente, mas o *Sempre Fixe* não tem senão que regosijar-se com o facto. Salvemos a humanidade dos imbecis, mas não queiramos baralhar, confundir, subverter as leis da zoologia. Se ao dedicado macaco, que tão amavelmente se prestou a fornecer a glandula, se tivesse applicado, como fôra projectado, a glandula de carneiro, corria-se o risco de vêr a criança saltar para cima dos moveis, de pendurar-se nos lustres da sala, de começar a puxar pelo rabo das pessoas conhecidas, etc., ao passo que o macaco se poria a berrar e a marrar a torto e a direito. Por outro lado, para salvar o carneiro, enxertar-se-lhe-hia uma glandula de cão, obrigando-o a ladrar, no cão uma glandula de gato, obrigando-o a miar, no gato uma glandula de galinha, obrigando-o a cacarejar e a pôr ovos de duas gemas, e, quando se acabasse a bicharia, havia de ser necessario extrair uma glandula de gente para salvar o ultimo irracional. Era uma cadeia de fusis, um circulo vicioso, um nunca mais acabar. Seja, porém, como fôr, o dr. Alberto Madureira está consagrado.

Aguardemos os três meses que ele julga necesarios para a criança enjuiscer e então proporemos que se lance a primeira glandula para o seu glandular monumento.

E se, como se espera, a operação tiver um exito comple-

to, o dr. Alberto Madureira ha de se ver atonito com trabalho. Ha mesmo quem pense em pedir ao Estado o custeio de onze operações identicas, para breve.



A Camara Municipal, honra lhe seja feita, adquiriu alguns carros modernos para rega das ruas. Os carros são bons e regam bem; regam as ruas, regam os outros carros, regam os passeios e regam as pessoas.

Quando apparece um carro de regas, a população foge, como noutro tempo se fugia dum esquadrão da guarda municipal. Todavia, ainda ha quem venha a correr dum quinto andar á rua só para refrescar a ponta da lingua no esguicho camarario, visto que o do sr. Carlos Pereira não vai alem das sobrelojas.

Mas, porque Portugal é um pais de espalhafatos, a Camara entendeu, em seu alto criterio, mandar regar de preferencia as ruas da Baixa, que são mais frequentadas, que teem mais gente para tecer louvores á comissão administrativa. Apagar a poeira na Baixa é uma maneira de dei-

tar poeira nos olhos da população.

As ruas que ainda não foram asfaltadas, as ruas onde ha mais poeira, nunca viram sequer os carros novos. Quem lá mora que se meta dentro duma rodoma se não quer que o pó lhe chegue até o fígado e outras miudezas, não menos apreciadas e necessarias

Nas Avenidas Novas, com um pésinho de vento, tem-se a illusão de atravessar o Sahara num dia de *simoum*. A poeira mete-se pelos olhos, pela boca, pelo nariz e sob até as estrelas, em caprichosas volutas, capazes de tentar um pintor futurista.

Daqui a alguns anos, quando a Camara tiver asfaltado todas as arterias da capital e quando já não houver pó, começará a haver agua e começará a haver regas gerais por toda a cidade. A praga da poeira seguir-se-ha a calamidade das inundações, como a Biblia já previu, porque não ha fome que não acabe em fatura.

Isso será lá para o ano de 2.000. Ainda agora vamos na primeira *étape* biblica, na *étape* do pó, á qual se seguirão terra e cinza, e finalmente, como mandam as sagradas escrituras—nada—o que, traduzido em linguagem corren-

te deste mundo, quer dizer:

—Nada, e se não sabes nadar, nem a alma se te aproveita, afogas-te na inundaçao porque o sr. Carlos Pereira não está disposto a armar em pai Noé, nem a Camara tem dinheiro para as arcas.



As praias de banhos vão-se civilizando. As mulheres que, em obediencia á ditadura da moda, aprenderam a andar em fato de banho pelas ruas, teem-se visto em sérios embaraços para vestir o fato de banho nas praias, que, segundo as praxes, usos e costumes, é sempre mais reduzido do que o fato de sair á rua e de vêr a Deus. Mas, menos do que um vestido de passeio, é quasi a nudez paradisíaca da mãe Eva, sem a folha de parra. Dantes, nos tempos remotos do Eden terreal, ainda Eva se vestia com os proprios cabelos. Não reza pelo menos o Velho Testamento que a nossa primeira mãe usasse o cabelo á *Garçonne*.

Agora, exhibe-se a nudez forte da Verdade e o manto diáfano da fantasia apenas existe na mente dos mirones que ali, á beirinha d'agua, sonham mundos de ventura, povoados de frutos prohibidos.

A mulher que entra pelo mar, com um *maillot* feito do cano de uma meia, regressa ao paraizo e mete os homens no inferno, mas vai convencida de que o sal marinho e o ar iodado do mar põem uma venda nos olhos do sexo forte. Entra nua nas aguas, como Venus ao entregar-se a Neptuno.

Cá fóra, porém, a coisa muda de figura. Todas se dão ares de não querer que se veja aquilo que põem a descoberto e lutam desesperadamente com o vento—luta incruenta e desigual, porque o vento é impalpavel e traiçoeiro. Aquela luta é um chamariz, uma taboleta, uma isca—é a corneta do Diabo.

—E se elas experimentassem usar as saias mais compridas? Talvez desse resultado. Salvava-se a moral, mas perdia-se tanto casamento...

Emfim, a coisa chegou a termo que, na praia italiana de Lido, a policia colocou, de cem em cem metros, vistosas taboletas que dizem assim:

«E' expressamente proibido ás senhoras despir o *maillot*.»

Ao que parece, a proibição não atinge os homens.



—Se a regulamentação fôr só para favorecer os Estoris, garantilhe que, para arrellar o Fausto, arranjo em Lisboa "combolos electricos..

CONFUSÃO no país de Confúcio



1. D. Josefina Wu-Pei-Fou é uma distinta cidadã portuguesa, mãe de um engraçado pequerrucho chinês. Naturalmente, a nossa compatriota realizou essa chinesice fazendo-se amar por um filho do ex-celéstio império. Seu marido de tal forma a sou'e prender ao seu rabicho que, quando veio a república e proclamou a nova regíme do cabelo á «Garçon» para os homens, madame Wu-Pei-Fou deixou-se ficar na terra dos mandalins, integrando-se perfeitamente nos seus usos e costumes. Inteligente e culta, a nossa ilustre compatriota bem depressa se tornou uma notavel interprete de pecenas disfarçados em letra de caixas de chi.

A saudade da sua terra trouxe-a de novo a Portugal. Um redactor do *Sempre Fize* decidiu entrevistá-la.

—Sabe que o *Sempre Fize* é disputado na China? Os chineses gostam muito da caricatura. E' a unica expressão grafica do Ocidente que eles entendem.

Agradecemos a madame Wu-Pei-Fou a amavel referencia e perguntámos:

—Poderia esclarecer-nos um pouco a confusão chinesa?

—E' muito simples. As agencias telegraficas trocam tudo. Depois não percebem o humorismo dos correspondentes chineses, que pretendem imitar os usos europeus. Quer vêr? Faz-se uma grande ombrulhada com as tropas sudistas, cantonenses e nacionalistas. Quer vêr o fundo da questão? As tropas do general Fehung-Lin, antes as investidas dos sudistas, ficaram a um canto. Sabe como isto chegou á Europa? Traduziram canto por Cantão, daqui cantonenses, e imagine o resto. Mas ha mais: Os nortistas cantam victoria... Ahi temos outra vez a confusão dos nortistas e cantonenses.

—Que trapalhada.
—Felizmente eu trago uma vasta documentação fotografica.

—O *Sempre Fize* ficará muito grato.

—Não me esqueci dele. Veja: E a nossa ilustre compatriota mostra-nos um retrato.

—E' o chefe das tropas do sul.
—Muito bem.

Guardámos o retrato avaramente. Madame Wu-Pei-Fou mostra-nos outro vulto chinês.

—E' o retrato do comandante em chefe das tropas do norte.

Motemos o retrato com tanta presenca no bolso que nem olhámos para ele.

—Ora aqui tem outra grande figura da revolução na China: o general Ching-Chot-San, decapitado pelos rebeldes, o tem aqui outra figura não menos curiosa: a mulher de um dos membros do «Comitang» que, em trages masculinos, comanda uma das grandes forças do exercito sudista.

Podimos á nossa entrevistada fotografias de aspectos dos acontecimentos. Madame Wu-Pei-Fou mostra-nos uma fotografia onde se vê um armamento de cabazes com esferas.

—Olhe. Esta é talvez melhor não publicar.

—Mas é muito interessante.

—E' que eu não sei se essas bolas que estão nos cabazes são cabeças cortadas, ou se a fotografia trata de um mercado de melancias, ou abastecimento de bombas aereas. Assim, de repente, não me lembro.

Segue a exposição de fotografias e desenhos. Surge a carranca do general que tem promovido enormes



massacres. Nesta altura exclamámos:

—Pordão, madame. Este retrato já eu cá tenho. E' até, se me não enganano, o retrato daquela senhora chinesa, esposa de um membro do «Comitang»...

—Então veja. Pode ser que haja na verdade confusão...

—Confusão chinesa...

Pegámos nos quatro retratos e ficámos embaraçados. O jornalista não soube distinguir a cara de mulher das caras dos generais... masculinos.

—Madame Wu-Pei-Fou, perdõe-me. Mas parece-me que as caras são iguais.

A nossa entrevistada sorri e diz-nos:

—E' o defeito dos europeus. Confundem tudo. Não tem o olhar educado para distinguir um rosto chinês de uma cara de uma chinesa. Ora como é que os senhores querem que, assim, não haja confusão chinesa?...

Para termos a certeza de que a nossa vista não nos enganava e a fim de darmos um exemplo da confusão na China, resolvemos publicar os quatro retratos oferecidos gentilmente por madame Wu-Pei-Fou.



O REGULAMENTADOR-MÓR



Elevador da Gloria

Como sabem, o elevador da Gloria, que funciona de vez em quando, premodita um embelezamento no fim da linha, trazeiras para a Avenida, que se destina a recolher do sol e da chuva meia duzia de galinhas que fazem capocira nas travessas proximas e meia duzia de galos que perseguem conforme o milho que possuem.

O elevador da Gloria não tem posturas especiais. Paga-se vinte centavos por trinta e cinco centímetros de lugar, podendo o passageiro ficar alojado entre uma dama salva-vidas e um cavalheiro respeitavel, asptizado antes pelos males do seu ideal. Sobre-se entre muros cheios de cartazes, curiosamente comentados a lapis pelos garotos, com todas as palavras que não vem nos dicionarios. Quando se chega lá acima, pode-se ir para a Misericordia sem ferimento nenhum, progredir gulosamente no Bairro Alto, tomar á direita para o jardim, erminosamente golpeado de sombras, onde outr'ora era facil encontrar ninfas e faunos delicadamente esculpidos, em plasticas atitudes; ou então descer ao Chiado, a aurea arteria.

E' a gloria! A gloria para os politicos, para os artistas, para os literatos. Todos tem subido a calçada, alguns a pé, servindo-se dos quatro membros, curvando a espinha com respeito.

Do Chiado vai-se a toda a parte. O Terreiro do Paço não fica longe, o Parlamento está perto e o Governo Civil a meio caminho dos dois. Nestes três pontos, vertices do mesmo angulo patriótico, resume-se a actividade politica dos ultimos trinta anos. E' o verdadeiro motu-continuo, que não foi ainda descoberto.

Do elevador da Gloria para o Chiado transitram as mulheres mais lindas de Lisboa. Algumas, que dan-tos só vinham de noite, despiram-se para passear de dia. Não vos diga nada! Subiram!

Dos homens não se poderá dizer exactamente a mesma coisa, excepção dos obliquos. Mostram-se satisfitissimos com o seu desemprego: embelezamento obstrutivo do Chiado, a preços molicos e por todo o dia.

Talento de primeira classe, confeccionados nas academias e nos jornais; elegancias mal classificadas, onde ha muitos produtos coloniais a temperar; conquistadores de 50 anos, com reumatismo e fistulas, e uma juventude assás envelhecida e integralista sem esperança.

Elevador da Gloria é o titulo da nova secção. Não custou a lér? Pois custa muito menos a subir...

O dia de amanhã...



—Dizes que não gostas de espargos e comeste todos os que te dei?
—E' que assim não fica nenhum para amanhã.



—Para que torças a deitar o peixo á agua?
—Porque é o unico do tanquo e tenho que guardar distracção para amanhã...

O VERÃO ALFACINHA

Viagem á volta das Esplanadas...

Ha quem vá passar o verão a Cascais, ao Estoril, a Sintra, quem goste da Amadora, quem se mête na Buraca, quem prefira a Figueira, quem se goste em Cadelas ou nas Pedras, mas ha tambem quem não saia de Lisboa e aproveite as noites nas esplanadas da Avenida, a tomá-las aguas... da Companhia ou, como estamos em Setembro, os banhos de poeira. E estes alfacinhas que por cá ficaram sentom-se vingados daqueles que suam as estopinhas nos Casinos, nos chás e nas festas de caridade para conseguir este desideratum: passar o verão!

Os que cá ficam vão para a Avenida com a mesma imponencia com que iriam para Vichy... Certo é que os talhões se povoaram de mesas, de cadeiras do vérga e de criadas de avental.

Logo apareceram as meninas casadoiras, as mamás que dormem a proposito e os papás que dieutem muito fóra dele. Logo apareceram os cadetes de monoculo, os estudantes de capa, os sujeitos de barriga, as senhoras de meia idade, as praças da guarnição, os velhos do asilo, as criadas de fóra, as crianças pequenas e outras crianças mais loiras, sem idade nem vacina, com colarinhos de mama e calças tão crescidas que dão a volta aos sapatos não sei quantas vezes.

Ha mesas em toda a volta e, em lugar proprio, armou-se um palanque de madeira. Lá em cima puzeram-se musicos de *palhinhas* e mandou-se-lhes que soprassem os instrumentos... A marcha da *Aida* e a marcha dos automoveis que sobem a Avenida confundem-se, e a gente, a certa altura, não sabe se a orquestra quer tocar Verdi, se quer imitar o taxi...

Seja como fór, o concerto tambem tem espectadores nas cadeiras do asilo e uma *promenoir* numerosa em oima da linha dos electricos...

Nas mesas comem-se tremoços, esgotam-se as cervejas, ingorem-se as salsas, namoram-se as meninas e apalpm-se as criadas.

Ha quem tome café, quem vá tomar o fresco e, sobretudo, quem não tome nada...

Eles fingem que lêm pela decima quinta vez o *Diario de Lisboa* e elas, por sua vez, simulam não mostrar as pernas.

Pois muito bom! Calixto, que é um honrado chefe de familia, que tem mulher, que é pai de duas filhas, patrão de uma criada e dono de uma cadela, tambem tem direito a passar o verão, e quando não seja nas terras ou nas praias porque as viagens são caras e incomodadas, seja pelo menos na Esplanada da Avenida. De vez em quando é preciso arejar. Além disso, Calixto nunca foi para as aguas porque, na sua opinião, a agua do Alviela, apesar de má, ainda é a melhor de todas e a mais barata.

Pois esteve lá ontem com a familia toda o nosso amigo Calixto.

Assim que chegou, estabeleceu logo a confusão entre os criados amaveis que se lhe ofereciam e o bulicio atinguu proporções fantasticas. Arrastaram-se as cadeiras, deslocaram-se as mesas, discutiu-se o local, mangou-se a mulher, galhofaram as meninas, lastimou-se a criada e a cadela ladrou furiosamente. Por fim sentaram-se.

O criado, com o melhor dos seus sorrisos, esperou ordens. Calixto pensou e resolveu pedir um café e três salsas. E' claro que a cadela não toma nada e a criada, quando muito, o que pode é deixar-se tomar de assalto pela farda mais proxima.

Esgotados três quartos de hora, o criado voltou com o café e preveniu que as salsas só se podiam fazer com agua do Luzo porque da outra não havia um pinga...

Calixto, que só acredita nas qualidades da agua da torneira e que resistira já a dois tifos e a quatro infecções intestinais, não estava disposto a pagar a do Luzo quasi pelo preço do vinho, quando podia beber a do contador pelo preço da agua... Mas o criado declarou que a Companhia a tinha mandado fechar e que, a não ser em caso de incendio, tudo seria inutil! Nem para lavar os pés, quanto mais para fazer as salsas...

E aquela desgraçada familia, que sa'ra propositadamente de casa para tomar o fresco, só com a ide'a de que não tinha agua para beber, suava por todos os poros. Calixto, sêco e furioso, arrastou a mulher, as filhas, a criada e a cadela e lá foi, disposto a largar fogo á residencia para dar de beber á familia...

Vasco de Matos Sequeira.



—Sempre a trabalhar em enxovais para as outras se casarem, mas para a semana tambem chega a minha vez,
—Vais-te casar?
—Não. Mas ajunto-me com o Arnesto.

BOM HUMOR

Ela:—Esta é a nova criada. Chegou no comboio das 8,15.

Ele:—Vê lá se a conservas...

Ela:—Está tranquilo, José! Não ha outro comboio até amanhã ás 11,40.

A bordo:

—Não me recordo do numero da minha cabine...

—Mas não se recorda mais ou menos do local?

—Só sei que a vigia dava para um farol.

E' a primeira vez que viaja por mar?

—Não, senhor: a ultima...

A' partida do comboio:

—Adeus, Manoel! Escrevo-te sem falta.

—Para quê, sem falta? Escrevo como costumava...

A mulher:—A que horas viste ontem á noite?

O marido:—Quando adormeceste?

A mulher:—A's dez e meia.

O marido:—Pois eu vim ás 11 menos vinte...

Papá! Quando me casar com o Joanito, deixas-me levar o piano?

—Sim, filha. Mas é melhor dizê-lho depois do casamento.

O agonizante, acordando:— Onde estou? No céu?

A mulher:—Não, filho! Ainda estás comigo...

NA ITALIA

Delicadeza nos comboios



Antes de ser colocado o aviso recomendando que se ofereçam os lugares ás senhoras e aos velhos.



Aspecto dos comboios depois de ser colocado o aviso.



Por duas razões

Alexandre Dumas, filho, frequentava muito a casa de uma condessa, parisiense e literata, que fazia a grande vida de Paris, acompanhada sempre de artistas e homens de letras, a quem dava, semanalmente, recepção. Nas salas do seu palacete davam-se *rendez-vous* os rapazes novos que vercejavam e as raparigas, de reputação muitas vezes duvidosa, que onsiavam os primeiros passos nas letras. Dumas era dos mais velhos frequentadores da casa e tinha, já nesse tempo, uma filha que não pertencia, como as outras, á companhia da poesia.

Por varias vezes, insistira a condessa com Alexandre Dumas para que se fizesse acompanhar da filha nas suas visitas semanais, mas o grande escritor, a quem não convinha misturar a filha com aquela fauna de plumitivas, ia-se sempre escusando conforme podia, prometendo a visita da filha para um dia sempre indeterminado, descartando-se, orafim, do convite o mais delicadamente que lhe era possível.

—Um dia a trarei.

—Ela ha de cá vir um dia, esteja descansada.

Mas o almejado dia nunca chegava. A certa altura, a condessa, já farta de esperar debalde, resolveu armar-lhe uma cilada. Doante de toda a gente, com o ar mais solene e mais nobre de uma pessoa que sabe receber, anunciou:

—A minha recepção da semana proxima é de grande gala e dedicada a mademoiselle Dumas.

E, voltando-se para Alexandre Dumas, acrescentou:

—Agora não pode você escusar-se a trazer a sua filha.

—Está bem, disse ele, esforçando-se por se mostrar sensibilizado, para a semana virá também a minha filha.

No dia da recepção, o palacete vestiu as suas melhores galas. As flôres eram aos montões. Todas as flôres dos jardins de Paris ali se faziam representar, com excepção da flôr de laranjeira que, por ter mais altos destinos, para aquela festa profana não era chamada. A' noite iluminaram-se a jorros as salas do palacete, onde luziam as mais elegantes *toilettes*, as fardas mais vistosas, as casacas mais irrepreensíveis.

De repente, todas as cabeças se voltaram para a porta, á voz dum criado de libré, que anunciava:

—O sr. Alexandre Dumas.

Um momento de espanto, do assombro mesmo, pode dizer-se. Alexandre Dumas vinha só.

Grave e solene como um gentleman, avançou imperturbavelmente pelo salão até junto da dona da casa e, com uma grande vénia, beijou-lhe respeitosa e a mão, como se pudesse ter por ela alguma consideração.

—A sua filha? — perguntou, com mal contida ansiedade, a condessa.

—A minha filha não vem, minha senhora, por duas razões: a segunda é porque está constipada.

A NOVELA DO "FIXE"

O esposo agradecido

—Aonde vais tu?

—E a ti que te importa?

—Hom'essa. Então a mulher não tem o direito de perguntar ao marido para onde vai?

—Não, senhora. Tem só o direito de perguntar donde vem.

—Como? Se quando tu entras já eu estou a dormir.

—Espere acordada, que é a sua obrigação.

—E o serviço da casa? Eu não fico até ás duas da tarde na cama.

—Então, não sei o que te faça.

—Não sabes? Pois sei eu. E' ficar de vez em quando uma noite em casa para distrair a sua mulher.

—O' filha, que *chatice!* Sabes o que mais? Vai á fava! Estou farto de te aturar. Eu vou e irei para onde quizer e não te dou satisfações.

—Nem eu t'as peço.

—Raios te partam! Cala-me essa boca. Para que é que eu casei contigo! Viva! (Sai á porta da escada).

—Mas escuta lá.

—Estou surdo... (Desce os degraus).

—Deus queira que sejas atropelada por um automovel!

Assim dialogava, com a amabilidade que se vê, este harmonioso casal.

Ele saiu e ela ficou em casa, sacrificada pelas responsabilidades do *ménage*.

Ele, arreliado como estava, saiu pressuroso, como se a casa o queimasse... Distraído, ia a atravessar uma rua o um automovel, que vinha a passo de cavalo de corridas, derubou-o e fez-lhe um entorce.

A praga que a mulher lhe rogou estava consumada!

Meteram-no num automovel, levaram-no a casa e, depois do medico andar ás voltas com ele, de pé ligado e perna estendida, o nosso homem não teve remedio senão ficar em casa durante uns certos dias.

—Minha filhinha, dizia ele á mulher, vê se já são horas de fazeres a fricção.

—Ainda não, meu amor, dizia-lhe a mulher.

—Então, olha, senta-te aqui ao pé de mim e escuta. Quando eu estiver

curado, hei de levar-te ao Leitão e verás que lindos brincos te darei.

E beijavam-se, ele amoroso e ella satisfeita por o ter a seu lado.

—Pena é que, para eu passar uns dias felizes na tua companhia, fosse por tão lastimoso incidente.

—Descansa, meu anjo, eu não soffro. Isto o que quer é repouso. E ao pé de ti nem sequer me lembro do que me aconteceu. Sinto-me tão bem...

Os dias passaram o o pé ia desinchando.

—A'manhã tiro a ligadura, oh so tiro. Com os teus cuidados e carinhos isto vai cada vez a melhor.

—Estás, pode-se dizer, quasi bom.

Veio a noite e ele, já pelo seu pé, sem amparo, deitou-se. A esposa andava a dar uma demão no arranjo da casa. No entretanto, elle t'inha tirado a ligadura e, quando estava no começo do primeiro sono, a mulher deitou-se também e na mesma cama, porque ella era de casados.

—Olha lá. Vê se chegas as pernas para lá porque ellas parecem de gelo. (A esposa executou a ordem).

—O' senhores, nem na cama posso estar á minha vontade. Tu não ouviste, mulher do diabo. Chega para lá as canoas.

—Só se quizeres que eu as ponha do fóra da cama.

—Fóra da cama devias estar tu, meu estafermo! Quem inventou camas desta largura estava doido!

—Não a comprasses...

—E quem inventou uma mulher como tu ainda estava mais. Chega-te para lá, não ouviste?

—Não posso mais.

—Ah! não podes? Também eu não. Dá cá as calças. Vou sair.

—Sair?!?

—Sair, sim, e depois? Tens alguma coisa com isso? Dá cá as botas.

—Toma lá as botas mas não te esqueças, amanhã, dos brincos do Leitão.

—Dos brincos do Leitão?! Duma figa terta, sua porca!...

E largou os degraus a quatro e quatro.

Estava curado!!!

José Barbosa.



—Então o Byrd diz que as observações astronomicas não são precisas para as viagens aereas?

—Sim, diz, mas o Byrd medra num erro.



A pernicioso influencia da leitura das cine-legendas, a maior parte das vezes fenomeo de pontuação, abortos da lingua-mãe—é caso para a lingua dizer: Vao chamar mãe a outra! —tem decerto corrompido de tal forma a minha prosa, que necessario se torna fazer seguir cada *Fita* com uma nota elucidativa, explicando o que, na sua, quiz dizer o seu autor.

São, verdadeiramente, sensacionais os resultados obtidos por alguns atilados cinéfilos, espremendo as minhas pobres cronicas. Uns afirmam que eu, blasé do claro-escuro animado, deprecio, sistematicamente, todos os filmes exibidos; para outros, sou o cronista exclusivo do Tivoli; para outros ainda, um *ratado*, verdadeira vocação de varredor m... perdida nos oito reflexos das telas tensas.

Estes garantem que a minha hebdomadaria columna... vertebral é uma arma para liquidar, traiçoeiramente, questunculas pessoais com os *uzes...* do copas e as cervejas... *estrilos*; aqueles, que eu escrevo, unicamente, para dizer mal da orquestra do Nicolino Milano; aquelles outros, que eu me sirvo dum vulgar cine-pretexito para, ludibriando a censura... —adivinhem?—fazer politica!!!

Para interesse dos meus simpaticos *retractores...* mecanicos, podia-lhes a fineza de me escreverem para a redacção do *Fixe*, a fim de que eu, servindo-me da minha solida influencia junto dos grandes cineastas, os recomende como argumentistas, de cuja crise o Cinema tanto se ressentente. E' difficil encontrar mais férteis imaginações!

Os meus amigos tem-se preocupado com a neura contagiosa e lugubre que me entorpece, de sexta feira para cá. A epoca de verão está a dar as ultimas... mág fitas, e, com ellas, se vão as minhas melhores esperanças. Contrariamente ao que succede com o respeitavel publico, para mim, condenado a ter, semanalmente, graça, um bom filme traz-me enxaquecas na vigilia e pesadelos na sonolia. Sirve de exemplo o actual programa do Tivoli.

Antonietta Sabrier, extrahido da peça de Romain Coolus, é de moide a reabilitar as produções francesas ultimamente exibidas entre nós.

Germano Dulac, andaciosa e sincera, inten nun chinelo todos os outros ensenadores da *Société des Cinéromans-Films de France*. Soube mesmo compensar algumas deficiencias do argumento, por vezes irritante. Assim, quando ouvimos Gabriel Gabriel — o melhor actor francês — dizer á Eve Francis que, na sua ausencia, não receba o Renato Dangen... para poupar ao espectador a presença do cabotino Paul Guidé, causa-nos do tamanho *mansidão*. Mas a habilidosa Dulac enleva-nos a vista com um scenario claro, sóbrio, germanicamente iluminado e... pronto: perdão-se ao Romain Coolus, que foi, afinal, quem

Jean Toulout, livre dos matações do Javert, impõe a sua classe e a sua forma, num Jamagne ultra-correcto.

A fita tem, como sub-titulo, *Uma Mulher Cubizada*, para o espectador se convencer do que, embora pareça incrível, a Eve Francis ainda tem quem a queira, mesmo com aquella chinesco toda.

De *Carvoeiro e a Sra. de Senhor*, comedia de Tarryl Francis Zarruch, em que o *Pathé Consortium* apresenta o *Unjinnim* dos manos irlandeses Moore, que, por sinal, se chama Malt, e a ondiabrada canadiana anglo-francesa Marie Prévost, é, através dos cortes imperdoaveis, uma daquellas felizes americanices da Warner Bros. já do si tão espirituosas que me deixam reduzido á sensaborona occupação do arquivista. Valem bem uma pagina do *Fixe*, as sete graciosas parto do Lewis Milestone, que muito melhor se poderiam chamar: *A Maré do Carvoeiro*. Mas os nossos legendistas não tem emenda.

Defeitos? Evidentemente. Abuso do interiores e mais uma manifestação do contagioso mal que infesta a Setima Arte: a grande *chôchudeira*, que é preciso não confundir com chuchadeira...

Retardador.

SONOS GRANDES
só o **FINA** se vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

CANÇÃO NACIONAL

Fado do Funchal

Tem o fado do Funchal
um papel um tanto igual,
apesar de português,

porque o ilheu é bréjeiroto
e se dança o *chifarote*,
faz cantigas em inglês.

Ha excepções, se ás raparigas
Cupido lhes aparece,
por mais que lhe armem cantigas,
quasi nunca dizem—Yes...

Porque embora estrangeirada,
essa terra bem amada,
quando ouve um pianinho,

os seus acordes se embala
na sua propria fala
canta o fado choradinho.

Estrilho

Raparigas do Funchal,
São rosas em todo o ano,
labios foitos de coral
por pescador ideal,
tirados do Oceano.

Querem lunchar bem
e ceiar melhor?

Vão á ARGENTINA

Rua 1.º de Dezembro, 75



—O que hei-de eu fazer agora
com a maquina toda escangalhada?
—Não te aflijas, meu filho; por-
que eu vou mandar chamar o Her-
bert Dias, do «Modern Office», que
a arranja com a maxima rapidez e
competencia.



PROSA
DE
CHATVELHO
Ferros curtos

Ferros curtos foi o titulo dum se-
manario lisboeta que se occupava al-
alimon e touros e teatros. E o titulo
era um simbolo da tauromaquia na-
cional. Cá é tudo a ferros curtos... e
á garupa.

«Curtos são vocês de intelligencia»,
gritava o saudoso José Bento aos que
lhe pediam madeira curta, sim por-
que é a madeira e não a ferragom que
é curta, apesar do critico do certo ro-
tativo repetir que «Fulano cravou fer-
ragom curta e larga»...

* * *

Havia outro semanario, paralelo e
semelhante ao titulo, e resuscitado
agora por um lojista a quem cha-
mam «A Rainha do Comercio». Gra-
matica não tem a foixinha, mas so-
bram-lhe as más intenções.

A sua especialidade são as tiradas
inflamadas e patrioteiras, estilo 1.º de
Dezembro na «Recreativa Angola e
Metropole».

O homensinho bem se põe nos bicos
das patas para se fazer ouvir de nós,
mas vozes de Pepa não chegam cá ci-
ma.

* * *

Que é difficil, em domingos, trazer
a Lisboa espadas de primeira fila —
gritam os que nos toem impingido em
varios domingos canivotes de fila ul-
tima.

E nós, a pedido, conseguimos para
domingo, 4 do corrente, Aguero e
Zurito.

Não lhes convinha; mas para não
ficarem por baixo, contrataram para
breve, além de Zurito, Martinez e ou-
tro.

Ou oito ou oitenta. A que preços

vão pôr c. bilhetes? Não lhes bastava
dois matadores e um cavaleiro para
seis touros?

Valha-nos Nossa Senhora da Asnei-
ra!

* * *

Não se incomodem os adversarios
das corridas de touros de morte, por-
que os melhores adversarios são... os
empzarios.

Vão acabar com os touros de morte
e com os outros.

Como se não chegassem os alfaiates
que cortam o pano da tauromaquia
nacional, ainda apareceram secreta-
rios, que do assunto nunca ontendo-
ram patavina.

E os disparates são proporcionais á
incompetencia.

Resultado: o publico não vai lá, e
isto não vai longe.

* * *

A Igreja tem duas bitolas para as
corridas de touros. Em Espanha, to-
lerancia para os catholicos aficionados;
em Portugal pro...hibição.

Já quando Pio V quiz prohibir as
corridas de touros, aconteceu o mes-
mo. O Filipe declarou que não tinha
força para prohibir em Espanha...
mas disse ao arcebispo de Evora que
prohibisse em Portugal. E veiu a
bula!

O que vale é que já lá diziam no
«Pan y Toros», aproximadamente:

*Es esta fiesta de toros
Una fiesta tan española
que no hay bispo que la abuya
Ni Papa que la abola*

Perez la chaise.

CANÇÃO NACIONAL

Fado de S. Miguel

O Fado de S. Miguel
tem na historia um papel
d'aventuras de emigrante.

Talvez seja triste o fado,
por ser batido e chorado
lá n'America distante.

Mas conserva a grande linha
de glosar, a rir, um mote,
embora ande na marinha,
donde veio o *For-trol*.

E se d'entre a marinhagem
ha o sangue e a linhagem
dessa ilha portuguesa,

a canção que lhe vai n'alma
e ás *yankies* leva a palma
é o fado, com certeza.

Estrilho

Cachopas de S. Miguel,
lindo o pé, pequana mão...
Como as pombinhas sem fel,
branquinhas, de linda pel',
bem formado o coração.

GRANDE GARAGE UNIÃO, L. da

A unica que possui melhores acomodações
a preços reduzidos

Venda de oleos, gasolina
e accesorios

Officinas para todas as reparações

Rua Visconde de Santarem, G. G. U.

(ao Auco do Cego) Tel. 994 N.

CHIC

Praça dos Restauradores, 20

Telefone N. 3361

Magnificos almoços á Francaza

JANTARES E CEIAS

Optima canja — Bife á Chic
(especialidade)

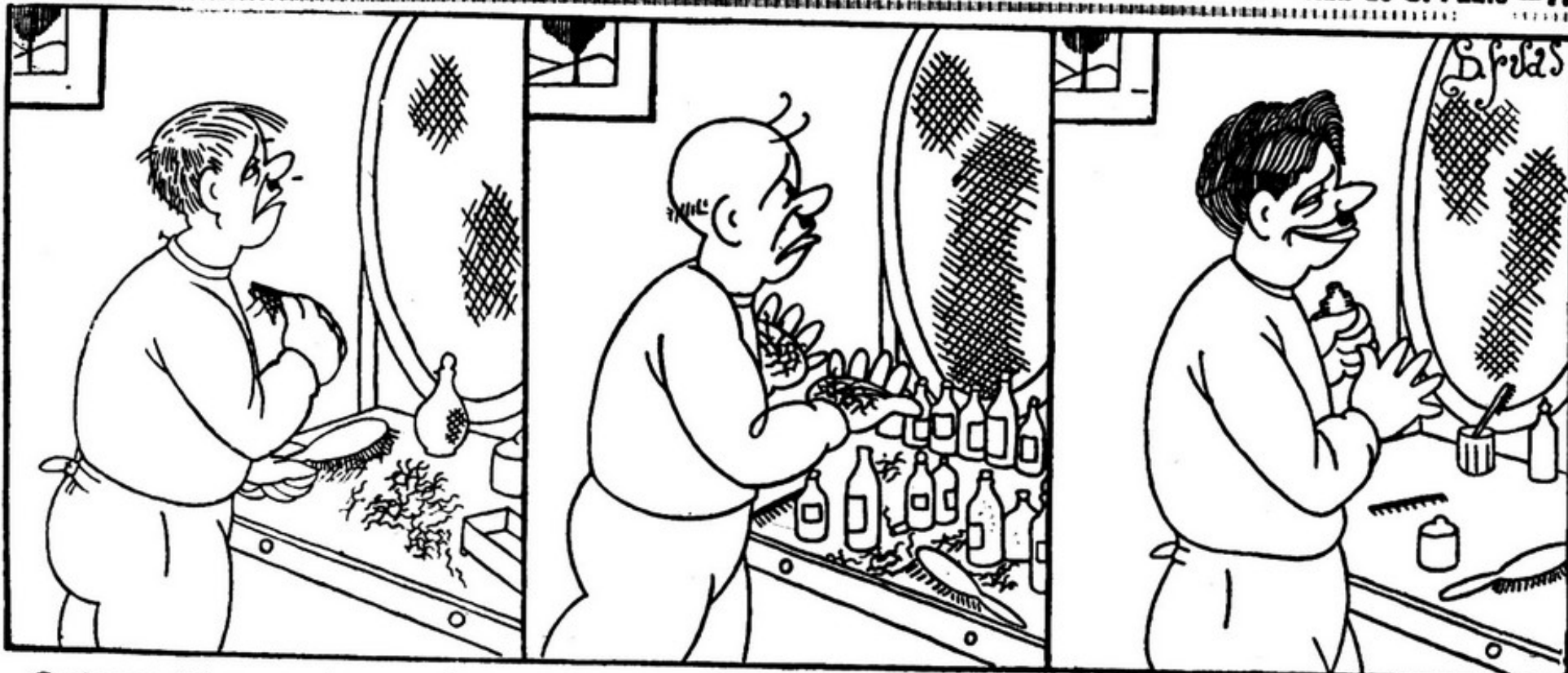
Esplendido café

Escolhida frequencia

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 - Rua de S. Paulo - 77



Certa manhã, ao pentear-se, o sr.
Serafim, verificou que o cabelo lhe
princiava a cair, e resolveu com-
prar um dos especificos mais reco-
mendados para o fortificar.

Como depois de o usar tivesse
cada vez menos cabelo, experimen-
tou ainda outros que lhe aconselha-
ram, ficando apenas com dois cabe-
los que lhe davam um ar ridiculo.

E para perder esse ar digno de
troça, resolveu aplicar-lhes um afa-
mado depilatorio que em poucos
dias lhe revestiu a cabeça duma
frondosa e expessa cabeleira.



Médias quilométricas linguais e Aero-menús

O papá *Diário de Lisboa* deu-nos, ha dias, a novidade de que a Federação Portuguesa de Foot-ball resolvera enviar uma «equipe» aos jogos olímpicos de Amsterdam. E, entre outras coisas, resolvera mais completar a educação e a técnica dos futuros jogadores internacionais, utilizando «films» documentários, a exemplo do que tem feito os alemães e os suecos.

Surge, ao que parece, a dificuldade de obter as películas que tem sido do para os progressos estrangeiros.

E a Federação resolveu o problema utilizando-se da cinematografia nacional.

Os títulos dos films e os principais protagonistas do primeiro programa a apresentar aos aspirantes olímpicos serão o seguinte:

A arte do silencio nos jogos de campeonato—por Joaquim Ferreira.

Acertos mutuos entre os jogadores—por Emilio Ramos.

Como se deve saudar a rainha da Holanda—por Mario Duarte.

Les deux s'en vont—por Jorge Vieira.

Os inconvenientes das desistencias—por A. Sabbo.

O foot-ball ao «autentico»—por Mario de Oliveira (film falado).

Charlotte quer ser jogador—por Belo Redondo.

Apesar de se ter aberto a caça ha cinco dias, está-se já verificando que os caçadores perderam o monopólio das historias que não interessam senão aos proprios, e que trocam entre si, apesar de saberem muito bem que

são inventadas. E os caçadores perderam o monopólio—porque passou para os *chauffeurs*.

Dois fanaticos do volante não podem encontrar-se sem abordarem imediatamente o unico assunto que os apaixonou—falam dos seus carros e... só falam dos seus carros.

Se entrarem na sala onde os dois estão—oh profano que ignoras ainda as alegrias do automovel!—deixa á porta toda a esperança!! Só ouvirás falar em *pistons*, em valvulas, em cilindradas, em *pnous ballon*, em *carrosseries* abertas e em *conduites intercurvas*.

Do automovel ao automobilista mal vai uma virgula, que se salta depressa...

O mais desprezível dos *batt-latas* pode transformar-se num mostro de velocidades, a acreditar no que diz o proprietario, que possui maravilhosos segredos para multiplicar os cavalos e quintuplicar a energia do motor.

Se o leitor gosta das historias bonitas, não perca uma palavra das que eles contam. São empolgantes, como os romances policiaes.

Mas não acredite cegamente—porque o *chauffeur* tem uma deploravel tendencia para espantar o indigena, com *performances* todas feitas de faiscas...

Eles, entre si, e um pouco por deidade, não se contradizem. Mesmo quando a mentira é evidente, admitem-na—para, quando chegar a sua vez, ninguem ousar apresentar objecções...

No fundo, isto não faz mal a ninguem...

Quando um encantador *pollo bien*,

fumando um *Muratti ponta de seda*, declarar no *Martinho*, com uma modestia muito bem arranjada, que veio de Sintra aos Restauradores em 17 minutos, não fiquem admirados! Perguntem a distancia quilométrica, levem em linha de conta as povoações que o bolido teve de atravessar, lembrem-se do transito e dos electricos de Bemfica para cá—peguem num papel e... façam as contas...

Ha tempos, ousei interromper uma destes *azes* de médias quilométricas linguais:

—Em resumo, o senhor andou quasi constantemente a cento e cinquenta á hora?

—Pouco mais ou menos—respondeu ele, tranquilamente.

Mas voltou-me logo as costas e foi procurar outro sitio onde não houvesse calculistas massadores—dos que não deixam contar as historias em sociedade.

Não é que tambem não é muito para acreditar o pai de familia, gordo e de cachimbo, que fala modestamente numa média horaria de cincoenta e cinco metros.

Se ele é cincoenta, são trinta—no estado em que estão as estradas e com uma familia de nove pessoas empilhadas numa *maquina* que andou á *front*...

Enfim—quando os *chauffeurs* querem espantar os ouvintes, as historias não tem medida. Aceleraram a fundo—pronto!

Agora, até as senhoras entram nas conversas automobilistas. E, em vez do *crêpe Gergette* e do *linon*, ouvimos-las falar em cento e quinze á hora, como se o seu *cabrioletito* começe

quilómetros com molho de gazolina.

Ah! Os cento e quinze á hora! Muita gente fantasiava-os, como os heróicos fantasiavam a terra da Promissão...

As gentes que dispõem de meios o gostam de se entregar ao desporto da aviação, disfarçado em navegação aerea comercial, acabam de ter uma agradável inovação na linha Paris-Londres.

Segundo tem sido anunciado, a linha de ser posto ao serviço, e funciona todos os dias entre o Bourget e o aerodromo de Croydon, um suntuoso e confortavel avião-restaurante, em que se pode almoçar tranquilamente durante a travessia da Mancha.

Imagem! Encher a pança em pleno céu—gravitando entre as constelações—é o que se pode chamar autentica *g...astronomia*.

O regulamento só deve permitir manjares apropriados: *vol-au-vents*, ovos estrelados, pastéis de massa folhada, azas de galinha ou de pombo, merengues, etc.

Nada de pesos no estomago, não vá o avião capotar...

Como bebidas—aguas gazosas e vinhos espirituosos.

A conta deve ser um pouco alta...

A dois mil metros—não admira...

Mas deve ser *de...helicóptero*!

Principalmente com o barulho do motor, que imita o agradável e som do *jazz-band* de quatrocentos cavalos...

Rebola-A-Bola.

Humorismo no Estrangeiro



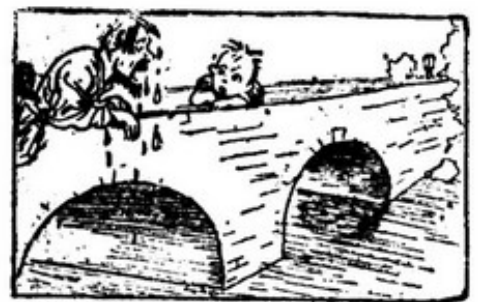
— Ah, o meu palatinho que caiu ao rio!...



— Isso, isso, foi ahí mesmo que ele caiu.



— Oh! menino, mas eu não o vejo.



— Bem me parecia. Ha um ano que ele caiu.

JORGE, O ELECTRICISTA

OU

O plantador d'eucaliptos na Jamaica

(Romance d'aventuras anfíbias)

Original de M. A. Caco Velho

Capitulo XVII

A condessa de Poisson d'Epé, muitíssimo despeitada com o procedimento de Pikles, aproveitou a saída dum aeroplano «Juca» que seguia meia hora depois para Aix-la-Chapelle de palha. O aparelho, porém, teve um desarranjo no motor, sendo obrigado a aterrar em Pampilhosa do Botão. Como não existisse hotel naquela localidade, a condessa foi hospedar-se num palacio dum fidalgo e abastado lavrador que andava em viagem; mas, como era habito dar guarida a quem necessitasse de dormir e comer, assim a nobre se-

nhora teve casa, cama, mesa, roupa lavada e pedicure.

O palacio era em estilo *Manoelino*, o que deslumbrou a viuva, fazendo-lhe lembrar, com saudades, os seus castelos—o do *Meio dia* da França e o das *Duas e meia* da Suíça, a um quarto do *Bigode*.

Bem contra vontade, a figura de Pikles prepassou pela mente da infeliz viuva. Quiz afastar do pensamento a cena a que assistira, mas o az do seu coração persistia em aparecer-lhe a cada *quina* por onde passava. Um *terno* veio pôr fim áquele pesadelo.

Capitulo XVIII

A condessa de Poisson Epé, desiludida com o procedimento do *Mixed Pikles*, dirigiu-se apressadamente, a largos passos e *sousa*, para o hotel. A sua alma sofria em silencio o ultrage por que passara, e sentia-se tão só, como se atravessasse o deserto do Saará ou *não será fael*. A despeito da luta que se travava no seu intimo, mantinha aparentemente o

seu porte gentil e a figura distinta e *lapis* de se lho tirar o chapéu á *Conan Doyle*.

No fundo, a condessa possuia um coração *d'ouro americano d'esgoto*, e por isso a sua sensibilidade se resentia e *sobrinha*. A refeição decorreu triste, apesar do *menú* bem confeccionado. Sopa de estrelas de teatro. Seguiu-se uma infinidade de peixes variados. Carapau de bandeira; pescada de salvação; cachucho na ponta dum chifre; Goraz do copas; um delicado safio de seda; cação Lourenço. Veio depois dobrada ao meio; mão fechada de vitela a dizer adeus e carneiro de Moura.

Pouco comeu a formosa viuva; porém, para esquecer, ou antes para afogar a magua que o seu coração *retinha e sarna*, foi nos vinhos velhos, *com cabelos brancos*, que ela procurou a alucinação dos sentidos. E assim, bebeu dum só trago um cálice de *Madeira de Pinho*, seguido de outro do *Porto de Lisboa* e ainda dum copo do precioso nectar de *Amarante e Satanela*.

Retirando-se da *meza de anatomia*

como o *gato*, dirigiu-se para os seus aposentos, atirando-se sobre o leito num choro intenso e prolongado, que durou até ao romper d'alva. Quando adormeceu, tinha alagado o colchão de *suma-nenhuma*. Em breve sonhava que era artista. Vio o publico em *pé de vento* aplaudi-la com entusiasmo, chamando-lhe: *Alida Striquinini* e atirando-lhe *mal me queres, bem me queres, muito, pouco, nada*.

Um sujeito de casaca, que era *Pikles*, mostrava-lhe uma malagueta, e ela, percebendo a ironia, encostava-se ao regulador, completamente *Branca de Gonta*.

O cavalheiro encasacado avançava para ela de braços abertos, ajoelhava, chamando-lhe *Alice canta*, *Alice bebe*, *Alice joga*. Alucinada, agarrava uma chibata, mas não me deixes, e vergastava *Pipples*, que se ria diabolicamente, avançando sempre, cingindo-a num amplexo; depois cobria-a com um lençol de *banho Maria* e levava-a pelo ar com a mesma facilidade com que sobe e se desloca uma

(Continúa).

Condescendencia e conveniencia



— Com que então, serao até ás 10 horas da manhã?

— Sim, mãe, o patrão pediu-me tanto...



— Tenho um amante que me compra um chapéu todas as semanas.

— E onde mora ele?

Razões de peso

(CONFETARIA)



— Estes bolos são frescos?

— Não lhe sei dizer. Só cá estou ha oito dias.



— E temos o Lobo Alves para Alto Comissario.

— Esse deve fazer bom logar. Altura não lhe falta.